

CARLOS HUGO CHRISTENSEN

Terror demoníaco

Entrevista a Valério Andrade

Responsável por filmes como Esse Rio Que Eu Amo, Viagem aos Seios de Duília, Anjos e Demônios, Carlos Hugo Christensen já experimentara quase todos os gêneros no cinema, mas, até Enigma Para Demônios, ainda não franqueara o limiar do terror. O "thriller" policial, no entanto, não é raro em sua filmografia. Além de Anjos e Demônios, experimentou este gênero na Argentina, onde começou a fazer cinema; filiou entre outros autores "policiais" Steeman e William Irish. Enigma Para Demônios abre uma trilogia que já tem o segundo título — A Casa das Sombras. Pretende, ainda em 1975, completar a série com o argumento "Anjo de Setembro". Cenário da trilogia: Ouro Preto. FC

FC — Como surgiu *Enigma Para Demônios*?
CHC — *Enigma Para Demônios* nasceu, poderia dizer, como consequência de um exercício literário. Já fazia anos que namorava essa pequena obra-prima que é *Flor, Telefone, Moça*, o conto de Carlos Drummond de Andrade. Sua brevidade era um desafio. Como transformá-lo em um roteiro de mais de 90 minutos, sem quebrar a sua estrutura ou destruir o seu encanto? Não foi fácil. Mesmo com a ajuda de outro grande escritor, Orígenes Lessa, a adaptação nos deu muito trabalho. Creio, no entanto, que nosso esforço não foi em vão.

FC — Como define o filme?

CHC — *Enigma Para Demônios* é um filme de suspense onde as forças sobrenaturais — neste caso, a prática do demonismo, que, afinal, nunca deixou de preocupar a humanidade — talvez sejam as mesmas responsáveis pela violência que predomina neste século. A narrativa caminha na trilha do filme policial, mas, em sua visualização, *Enigma Para Demônios* filia-se ao gênero de terror.

FC — Já teve alguma experiência no gênero?

CHC — Com filmes de mistério, sim. E, felizmente, fui sempre bem sucedido. Ainda na Argentina, onde iniciei minha carreira, filmei *La Trampa* (A Armadilha), baseado em romance de Anthony Gilbert; *La Muerte Camina em la Lluvia* (A Morte Caminha na Chuva), adaptação de um romance de Steeman; *No Abras Esa Puerta* (Não Abras Essa Porta) e *Si Muero Antes de Despertar* (Se Eu Morrer Antes de Acordar), ambos baseados em contos de William Irish. Não posso me queixar do gênero: esses filmes obtiveram sucesso de público e de crítica.

FC — Alguma razão especial para filmar em Ouro Preto?

CHC — Sim. Uma razão muito especial do ponto de vista cinematográfico. Nenhuma outra cidade poderia substituir Ouro Preto como cenário para um filme com a atmosfera de *Enigma Para Demônios*. Sua misteriosa beleza, o peso de seus quase 300 anos de existência, contribuíram efetivamente para o clima de uma história que mistura suspense, poesia e terror — um terror quase medieval.

FC — Alguma semelhança com *O Exorcista*?

CHC — Nenhuma. Mas isto, é claro, não será suficiente para evitar as comparações

de praxe. Salvo os problemas relacionados com a Demonologia, que, afinal, não são exclusivos de *O Exorcista*, não existe qualquer outro ponto de contato. *Enigma Para Demônios* não aborda o exorcismo. A câmara focaliza as poderosas forças do demonismo, o comportamento das seitas, os seus impressionantes rituais. Antes de escrever o roteiro definitivo, fizemos uma longa pesquisa. Não há um só detalhe no filme que não corresponda às regras do jogo do Demônio...

FC — Foi proposital a escolha de um elenco sem rostos conhecidos?

CHC — Por tratar-se de um tema muito delicado e praticamente inédito no cinema nacional, evitamos escolher atores conhecidos ou rostos divulgados diariamente pela televisão. Só Licia Magna e Rodolfo Arena foram exceções voluntárias, pois, curiosamente, esses dois grandes artistas conseguem o milagre de parecerem sempre diferentes, novos, renovados.

FC — Cinematograficamente, o enigma foi solucionado?

CHC — É sempre difícil ser imparcial com relação ao filme que acabamos de fazer. É preciso tempo... e mais um filme. De qual-



Monique Lafond no "primeiro Christensen de terror": "Enigma Para Demônios" — fotos acima e abaixo

Ouro Preto "contribuiu efetivamente para o clima de uma história que mistura suspense, poesia e terror — um terror quase medieval"





Luiz Fernando Lanelli: "Enigma para Demônios"

quer maneira, creio que **Enigma Para Demônios** correspondeu na tela ao projeto que tínhamos no papel e na cabeça. Penso ter feito uma fita capaz de agradar ao público sem apelar para a chanchada quase pornográfica, ou, o que é pior, sem recorrer a um tipo de cinema que pretende ser de arte e só consegue ser confuso.

FC — Antes dos Demônios, você andou às voltas com cavalos e vaqueiros, lá no interior de Mato Grosso. O que levou-o a fazer **Caingangue**?

CHC — A experiência de fazer um "western" brasileiro sempre me seduziu. E, do ponto de vista técnico, era um desafio. Mas a idéia de fazer **Caingangue** partir de Roberto Farias. Ele tinha comprado o argumento de Péricles Leal e me convidou para trabalharmos juntos — ele na produção e eu na direção. Aceitei o convite e o desafio.

FC — O filme de ação ainda é um problema no Brasil. Como filme de ação, **Caingangue** foi um problema?

CHC — Mais do que isto: foi um pesadelo. A falta de experiência do cinema nacional nesse gênero chega a ser gritante. Qualquer detalhe, por mais rotineiro que fosse, transformava-se não em um, mas numa série de problemas. Era necessário descobrir a forma

de solucionar um a um, antes de "rodar" cada cena. E como chovia... A presença da câmara espantava o Sol. Hoje, sinceramente, pensaria muito antes de decidir-me a voltar a me envolver com cavalos e vaqueiros.

FC — Algo que lembre as aventuras italianas?

CHC — Em absoluto. A única influência de **Caingangue** advém dos elementos clássicos do "western". Tentei apenas uma maior aproximação com os produtos americanos, mas dentro de uma concepção totalmente brasileira e introduzindo algumas implicações humanas que não são comuns ao gênero. Procurei reproduzir, sem deturpações, os costumes e a mentalidade da gente do Sul de Mato Grosso, evitando, cuidadosamente, qualquer exagero na exploração do que de exótico possui essa região. Tudo o que possa parecer estranho ao espectador, reflete a realidade local. Existem, por exemplo, grandes colônias de russos que usam, sem exceção, suas roupas regionais, tanto nos trabalhos agrícolas, como nos dias de folga. Os russos que aparecem no filme não foram importados de **Dr. Jivago**, mas os próprios... É pena que a produtora não tenha feito uma divulgação adequada preparando o espectador para esse imenso e misterioso Estado. A realidade captada "in loco", para quem não a conhece,

será vista como produto da fantasia cinematográfica.

FC — Você está arrependido de ter realizado este ou qualquer outro filme?

CHC — Não renego qualquer filme. Assumo a responsabilidade — e a angústia dos fracassos financeiros. De todos eles, sempre tirei alguma lição proveitosa e interessante. Concordo plenamente com Oscar Wilde: "Arrependeu-se de um ato é modificar o passado".

FC — E os críticos?

CHC — Tenho respeito profissional pela crítica. E, em particular, pelos críticos que — gostando ou não do filme — conservam a serenidade analítica e se comportam como profissionais. Infelizmente, nem todos agem assim. Pessoalmente, já fui até injuriado. E quando isso aconteceu, em lugar de reclamar no jornal, lembrei-me de Oscar Wilde: "eu sabia que tinha tocado as estrelas".

FC — Filme à vista?

CHC — Eu vivo do cinema e para o cinema. É minha profissão, aliás, a minha única profissão. Como produtor independente, jogo tudo em cada filme. Não posso parar. Assim sendo, já concretizei outro projeto: **A Casa das Sombras**. E, logo a seguir, devo continuar com a série dos "enigmas". Já tenho um no papel — **Enigma Para Assassinos** — e espero vê-lo na tela em 75. Decifrado pelo público.